



Luzes da Teosofia

© 2019 – Conhecimento Editorial Ltda

Luzes da Teosofia – Vol. 4

Autores diversos

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Organizador: Edilson Almeida Pedrosa
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-465-2
1ª Edição
Fevereiro 2019

- Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
- Produzido no departamento gráfico da

Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Luzes da Teosofia – Vol. 4 / Organizado por Edilson Almeida Pedrosa — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2019.

1706 p. (Teosofia: A força da Verdade)

Diversos autores
ISBN 978-85-7618-465-2

1. Teosofia 2. Ciências ocultas 3. Espiritualidade 4. Filosofia I. Pedrosa, Edilson Almeida

19-0230

CDD – 130

Índices para catálogo sistemático:
1. Ciências ocultas : Esoterismo

Autores diversos

Luzes da Teosofia

Volume 4

1ª edição
2019



É da natureza humana esquecer os benefícios daqueles que, em hora ingrata, depois de nos cobrirem de favores, nos infligem qualquer contrariedade. Poderias tu manter a tua lavoura se a **água**, distribuída pela chuva, não viesse amolecer o chão, alimentar as plantas, dar de beber aos animais e renovar as fontes? Se a carícia do **ar**, movimentando a brisa, não viesse agitar as plantas para que a seiva circule, transportar o pólen para fecundar as flores, refrescar as tardes para aliviar a face da Terra ao beijo ardente do Sol? Pois não foi o raio que ensinou aos homens o milagre do **fogo**, sem o qual o ferro não seria forjado, o barro não seria transformado em pedra, o pão não seria cozido?

Mas tudo tem a sua medida, as suas proporções, as suas barreiras onde termina o bem e onde começa o mal. ...

Então volta para a tua labuta e beija a **terra**, agradece à **água**, glorifica o **ar**, abençoa o **fogo** e eleva para o **céu** a tua prece. É essa a linha de serviço que compete à tua alma de místico, capaz de render um culto devocional aos poderes que sustentam o mundo. Vai!

Buda instruindo os discípulos

Sumário

Prefácio	9
A Influência de H. P. Blavatsky na Arte Ianthe Hoskins	12
O Caminho da Verdade Phan-Chon-Tôn	16
Diálogo entre duas autoras: Sobre corpos astrais, ou <i>doppelganger</i>	23
A origem dos Evangelhos e o bispo de Bombaim Helena P. Blavatsky	34
Carma e dharma B. P. Wadia.....	46
A espiritualidade e o feminino Regina Medina.....	50
O Novo Ciclo Helena P. Blavatsk	57
O Templo Iluminado Vicente Fiumano.....	72
Uma Ioga de Luz Geoffrey Hodson	83
A fraternidade como uma via para a consciência desperta Trân-Thi-Kim-Điêu	92

Investigando a clarividência	
Uma evidência científica	101
Crédito à clarividência	104
Vegetarianismo à Luz da Teosofia	
Annie Besant.....	107
Contos assombrosos de Blavatsky	
O Escudo Luminoso	127
Biografia	
Helena P. Blavatsky.....	137
Curiosidades Teosóficas	
Padre foi precursor da Teosofia na Itália.....	156
O que os teósofos pensam a respeito da intuição? ...	162
A importância da Tradição dos Mistérios.....	164
Índice dos artigos até agora editados - Vol. 1.....	166
Índice dos artigos até agora editados - Vol. 2.....	167
Índice dos artigos até agora editados - Vol. 3.....	168

Prefácio

Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora. – Tagore

A teosofia é o acervo de conhecimentos das causas da existência de tudo no Universo retido por um grupo de seres extraordinários chamados adeptos, cujas mentes estão em perfeita sintonia com a Mente Universal. Além da busca incessante pelo conhecimento e sabedoria universais, as doutrinas teosóficas firmam-se também nos preceitos do amor, da fraternidade e do não egoísmo. É nesse manancial infinito e eterno da verdade, do amor e da sabedoria universais onde se assentam todas as religiões e encontra-se a essência dos sistemas filosófico-religiosos da antiguidade. A teosofia unifica, explica e harmoniza filosofia, ciência e religião, e o exame apurado da literatura teosófica autêntica deixa transparecer claramente essa concordância fundamental.

O movimento teosófico moderno, fundado por H. P. Blavatsky e Henry Steel Olcott, no último quartel do século XIX, espalhou-se pelo mundo e tem se tornado cada vez mais conhecido na atualidade. Grande parte do sucesso dessa nova corrente de pensamento deve-se à notável obra escrita deixada por Blavatsky, a qual se coloca como um dos capítulos mais destacados da criatividade humana. Percebe-se naquele magnífico edifício literário uma espantosa demonstração de talento, erudição, inspiração, visão profética, profundidade

espiritual, constituindo-se um fenômeno inexplicável que ainda choca e surpreende a mente da maioria das pessoas que entram em contato com ele. A grandiosa obra de Blavatsky compõe-se não apenas dos muitos e importantíssimos livros que publicou, mas também de numerosos artigos editados por vários periódicos e que formam, em seu conjunto, um acervo monumental. Boris de Zirkoff, sobrinho de Blavatsky, colecionou notas, diários, artigos, cartas, bem como todos os seus livros publicados, perfazendo uma coleção, em 14 volumes, que foi denominada *The Blavatsky Collected Writings* e totaliza mais de 8000 páginas.

Além de todo esse rico material provindo da fundadora, que contém ensinamentos valiosos, com suas instruções particulares, inclusive as que ela transmitiu depois de 1888 aos membros da Seção Esotérica da Sociedade Teosófica, os atuais teósofos dispõem de uma quantidade volumosa de livros, pesquisas e artigos elaborados por teósofos notáveis de grande erudição e espiritualidade, sendo alguns deles companheiros de primeira hora dos fundadores da Sociedade Teosófica e outros que se destacaram em fases subsequentes de desenvolvimento e expansão da teosofia pelo mundo, inclusive na atualidade. Só para lembrar alguns nomes, podemos citar, dentre dezenas de outros igualmente importantes: A. P. Sinnett, William Q. Judge, H. S. Olcott, Annie Besant, T. Subba Rao, C. W. Leadbeater, G. R. S. Mead, Gerald Massey, Franz Hartmann, Ernest Wood, C. Jinarajadasa, Arthur A. Powell, N. Sri Ram, Geoffrey Hodson, Gottefried de Purucker, Boris de Zirkoff, Clara M. Codd, P. G. B. Bowen, Geoffrey Farthing, N. Bhashyacharya, R. B. Holt, Parabolanus, Frederick Hockley, Geo. C. Williams, Ianthe Hoskins, A. L. Pogosky, Bhagavan Das.

Após quase 150 anos da fundação da Sociedade Teosófica, ocorrida em 1875, a tremenda produção literária dos teósofos e pesquisadores vinculados, discípulos ou não dos mestres de sabedoria, especialmente os milhares de artigos produzidos, encontram-se à disposição dos estudantes de filosofia esotérica na forma de livros e outras publicações ou até mesmo na internet. Porém, quase tudo se encontra redigido em línguas estrangeiras, especialmente a inglesa, o que dificulta enorme-

mente os pesquisadores e buscadores da vida espiritual de língua portuguesa com desconhecimento de outros idiomas.

Há, por conseguinte, grande demanda a ser suprida por mais publicações na nossa língua que exponham integralmente o pensamento dominante e as tendências atuais que derivam dos ensinamentos valiosos da Sabedoria Antiga. A **EDITORA DO CONHECIMENTO** espera agora que esse anseio possa ser satisfeito com a publicação da presente série de volumes do selo 'Luzes da Teosofia'. A profícua produção literária sob a forma de artigos produzidos por Blavatsky e os mais destacados teósofos do passado e da atualidade serão disponibilizados, a cada mês, sob o formato de livros numa série sem prazo determinado para terminar. A Editora espera que essa antologia do conhecimento divino, exposta magistralmente por qualificados pesquisadores da verdade eterna, possa se constituir num roteiro seguro de acesso ao conhecimento esotérico.

Os teósofos caracterizam-se especialmente por serem livres pensadores. Desde a sua fundação, a Sociedade Teosófica, apesar de ter o seu corpo doutrinário, nunca impôs aos seus membros renúncia às crenças particulares e aos ensinamentos e dogmas de suas religiões, a única exigência é com a prática da fraternidade e o respeito mútuo. De sorte que não se deve esperar nos textos apresentados nesta série ora lançada inteira coerência e concordância uns com os outros, pois cada autor teosófico tem o direito de expressar livremente o pensamento de qualquer escola a que esteja vinculado, mas jamais o de menosprezar opiniões opostas à sua ou de forçar qualquer pessoa a aceitar os seus pontos de vista.

A Influência de H. P. Blavatsky na Arte^[1]

Ianthe Hoskins

Comentários sobre o trabalho e obras de Madame Blavatsky e elogios aos seus dons pessoais e qualidades certamente continuarão a ser escritos enquanto houver estudantes capazes de apreciar a sua contribuição ao pensamento mundial. É improvável que venha surgir muita originalidade da pena desses comentaristas; mas, se isso sugere que eles estão perdendo seu tempo, deve-se ter em mente que continuam a nascer novas gerações de leitores a quem os escritores mais antigos podem nunca influenciar. Para eles, mesmo a maioria dos comentários e elogios mais batidos podem parecer novos, e aqui e ali alguma afirmação ou ideia, embora muitas vezes repetida, na verdade, durante os últimos cem anos, pode atrair a atenção de um estudante e levá-lo a explorar por si mesmo o objeto das observações.

H.P.B. se destacará em todos tempos vindouros como aquela que trouxe a luz e inaugurou uma nova era de sabedoria.

Se fosse compilada uma antologia sob o título geral de 'Em louvor de HPB', um lugar certamente deve ser dado a uma passagem de C. Jinarajadasa no livro *The Golden Book of the Theosophical Society* [O livro de ouro da Sociedade Teosófica], publicado em 1925, livro de autoria de C. Jinarajadasa,

[1] Título original *The Influence of H.P.Blavatsky on Art*, em *The Theosophist*, 1981. Tradução de Edilson A. Pedrosa.

em comemoração do Jubileu da Sociedade. Ele destaca, entre os muitos serviços de HPB para o mundo, 'a unificação que produziu, através de seus escritos, nos vários departamentos da verdade em que os homens têm trabalhado ao longo do tempo'. Depois de desenvolver esse tema em meia página, ele conclui dizendo que "em nossos dias, ela foi a primeira a construir uma ponte entre religião, ciência, filosofia e arte e a erigir esse edifício intelectual em que milhares vivem hoje, encontrando através da teosofia a realização de todas as suas esperanças e sonhos. H.P.B. se destacará em todos tempos vindouros como aquela que trouxe a luz e inaugurou uma nova era de sabedoria."

Isto é mera retórica? Religião, ciência e filosofia – sim; Mas arte? Passemos ao testamento artístico de Wassily Kandinsky, escrito em 1910 e publicado dois anos mais tarde, sob o título *Über das Geistige in der Kunst* ("Sobre o Espiritual na Arte"). Foi em 1910, de acordo com um livro de memórias de sua viúva, que, tendo já começado a afastar-se da pintura representativa em direção à arte abstracionista, Kandinsky 'pintou sua primeira obra inteiramente apartada de um objeto' e com isso lançou 'a era da arte não objetiva'. Mais tarde, escreveu que esta arte 'cria, juntamente com o mundo real, um mundo novo que não tem nada a ver externamente com a realidade. Ela subordina-se internamente às leis cósmicas.'

Ao apresentar a afirmação de sua nova visão de arte, Kandinsky sugere uma representação gráfica da vida do espírito como um triângulo 'dividido horizontalmente em partes desiguais' e movendo-se 'lentamente, quase invisivelmente, para a frente e para cima.' Embora possa ser apenas um homem, solitário e incompreendido (ele dá o exemplo de Beethoven), encontra-se no ápice, no entanto, 'onde o ápice foi hoje, o segundo segmento será amanhã.' Desenvolvendo essa imagem do triângulo em movimento, ele se refere aos bravos cientistas de seu tempo que estão 'dedicando sua energia à investigação científica sobre problemas obscuros' e que 'ultrapassam os limites da prudência e perecem na conquista da nova fortaleza científica.' Em uma nota de rodapé a essa passagem, ele se refere dentre outros a Crookes e Flammarion (que sabemos

terem sido ambos, ao mesmo tempo, membros da Sociedade Teosófica) e a cientistas que ‘se voltavam para as ciências ocultas e reconheciam os fenômenos transcendentais.’

A Terra será o céu no século XXI em comparação com o que é agora.

A passagem que se segue a essa pesquisa da cena contemporânea é de particular relevância para o nosso tema.

Além disso, está aumentando o número daqueles homens que não confiam nos métodos da ciência material quando ela lida com questões que têm a ver com a “não matéria”, ou com matéria que não é acessível aos nossos sentidos. Assim como a arte procura ajuda dos primitivos, aqueles homens estão se voltando para métodos meio esquecidos. Entretanto, estes métodos ainda estão vivos e em uso entre as nações que nós, do alto do nosso conhecimento, estamos acostumados a considerar com pena e desprezo. A estas nações pertence o povo da Índia, que, de vez em quando, confronta nossos estudiosos com problemas que passamos sem atentarmos ou ignorando-os. Madame Blavatsky [sic] foi a primeira pessoa, depois de muitos anos passados na Índia, a ver uma conexão entre esses “selvagens” e a nossa “civilização”. Naquele momento, surgiu um dos mais importantes movimentos espirituais, um dos quais representa muitas pessoas atualmente e que até assumiu uma forma material na Sociedade Teosófica. Esta Sociedade consiste de grupos que procuram abordar o problema do espírito por meio do conhecimento interno. Seus métodos, em oposição ao positivismo, derivam de uma antiga sabedoria, que tem sido formulada com relativa precisão. A teoria teosófica que serve de base a este movimento foi apresentada por Blavatsky na forma de um catecismo no qual o estudante recebe respostas definitivas às suas perguntas sob o ponto de vista teosófico. Teosofia, de acordo com Blavatsky, é sinônimo de verdade eterna. O novo portador da tocha da verdade vai encontrar as mentes dos homens preparadas para a sua mensagem, uma linguagem pronta para vestir as novas verdades que ele traz, uma organização que aguarda a sua chegada, que removerá os obstáculos e dificuldades meramente mate-

riais e mecânicos do seu caminho. E então Blavatsky continua: “A Terra será o céu no século XXI em comparação com o que é agora”, e com essas palavras termina o seu livro.

Por mais céticos que sejamos em relação à tendência dos teósofos para a teorização e a excessiva antecipação de respostas definidas em vez de imensos pontos de interrogação, permanece um movimento fundamentalmente espiritual. Esse movimento representa um agente forte na atmosfera geral, pressagiando a libertação aos corações oprimidos e sombrios.

Ao longo desse marco documentário na história da arte moderna, o estudante da Doutrina Secreta ouvirá repetidos ecos de ideias com as quais se familiarizou na obra de Madame Blavatsky: “a forma é a expressão externa do significado interno”, o princípio reiterado da “necessidade interior”, “a expressão abstrata final de toda arte é número”, e a afirmação conclusiva de Kandinsky de que “temos diante de nós uma era de criação consciente, e esse novo espírito na pintura vai de mãos dadas com o pensamento de uma época de grande espiritualidade.”^[2]

[2] As citações do testamento de Kandinsky, *Concerning the Spiritual in Art* (Sobre o Espiritual na Arte), são tiradas do texto publicado por George Wittenborn, Inc., Nova Iorque, 1947-1970, e é uma versão da primeira tradução inglesa por Michael Sadleir.

O Caminho da Verdade^[3]

Phan-Chon-Tôn

Apresento-vos alguns pensamentos que me foram inspirados pela divisa da Sociedade Teosófica: *Satyan Nasti Paro Dharma* [nenhuma religião é superior à verdade"]. A verdade está, por conseguinte, muito solidamente colocada como fundamento dessa obra grandiosa – a que foi empreendida pelos fundadores da Sociedade Teosófica. Nós sabemos, porque no-lo foi dito bastantes vezes, que no último quarto de cada século, a grande hierarquia branca, o governo interno do mundo, faz um novo esforço para preparar a vinda do século seguinte, tentando incutir na mentalidade da humanidade do século que finda a nota diretriz do século vindouro. Isso com o sentido de tentar assegurar uma marcha normal na evolução da humanidade, uma entrada normal nas sucessivas etapas do seu desenvolvimento. A etapa que se abre na nossa frente parece, pois, estar marcada pela verdade. A humanidade conheceu outras épocas onde a tônica esteve posta em um ou outro aspecto da busca espiritual, no conhecimento, no símbolo, na fé... Mas hoje nenhum desses sistemas particulares predomina sobre os outros, todos são estimulados e aprofundados. Hoje, é o próprio centro de toda a esfera espiritual, o próprio objetivo da busca espiritual, que é levado para a frente: a verdade. Verdade inteiramente pura, completamente despida, sem nenhuma roupagem misteriosa, sábia ou fascinante. “Nenhuma Religião é superior à verdade”. Esta é a fórmula mágica que abre a porta da nova Era. O desenvolvi-

[3] Extraído da revista portuguesa de teosofia *Osíris* n° 19 – maio-agosto 2010 (in *Le Lotus Bleu*, novembro-dezembro de 1960).

mento de todos os sistemas anteriores, desde a Índia, Egito, China, até ao budismo, ao cristianismo e ao islã, levou a um entrelaçamento inextricável que encerra o indivíduo humano de forma inexorável e podemos dizer que, na maioria dos casos, em lugar de conduzirem o homem para a liberdade, todos esses sistemas religiosos amarram o homem, fazem dele um escravo, um adorador, um fiel. Por essa razão, a nova palavra de ordem deve ser para cada um de nós a destruição dessa cerca, abrir a fenda na muralha e ter acesso à verdade por meio da liberdade.

Em lugar de decretar dogmas ou de constituir um corpo para veicular os segredos superiores, a nova teosofia explica as coisas, revela os segredos reveláveis, e, no todo, pede um estudo inteligente e ponderado. Um canto do véu foi levantado, diz-se, mas agora, em vez de ser levantado para um pequeno número, o é para todos. Também nada de indiscrição. As leis ocultas são rigorosas porque são reais: “Somente aqueles que têm os olhos abertos podem ver.” E uma vez os “segredos” revelados, conhecidos pela maioria dos homens, damo-nos conta de que sempre estiveram expostos aos olhos do público, mas que este público permaneceu cego porque procurava a verdade algures, uma verdade que ele julgava estar bem escondida, até mesmo inacessível.

Quando o investigador abre um pouco os olhos, fica admirado por ver o número de coisas, que lhe foram sempre declaradas como extremamente secretas, expostas à luz do dia e, isso, desde há séculos. Mas os seus olhos estiveram sempre velados, ou desviados, e nunca viram a realidade das coisas. Se nos voltarmos para o lado material da pesquisa, damo-nos conta de que aí, igualmente, se iniciou algo de novo. Até ao presente, a ciência seguiu um sistema após outro. Demoliu um a um todos os princípios enunciados segundo as experiências e considerados invioláveis. Por exemplo, o princípio de conservação da matéria “nada se perde, nada se cria”, que foi destruído com a descoberta da radioatividade e pela famosa fórmula de Einstein.

Aqui também o sábio, ao fazer uma descoberta, apercebe-se de que o princípio que descobriu sempre estivera ope-

rante, sem que os seus olhos, turvados pelas teorias convergentes, o tivessem detectado.

E a ciência, no seu impulso de descoberta, lança em cada dia uma revelação à cabeça da humanidade, que fica atordoadada com tudo isso. A humanidade encontra-se bruscamente confrontada com um número incalculável e insuspeito de “descobertas” que ainda não sabe como utilizar. No seu prazer da descoberta e no seu tateamento pueril, a ciência brinca com as energias postas à sua disposição e mal se dá conta dos perigos em que incorre.

Se regressarmos no domínio do invisível, produz-se o mesmo fenômeno. Para fazer tocar o despertador no séc. XIX, Madame Blavatsky, em conjunto com o Coronel Olcott, colocaram a ênfase nos fenômenos sobrenaturais. Despertaram tão bem no homem aquela atração pelo maravilhoso, e, sobretudo, de tal modo tornaram a colocar ao alcance do homem essas possibilidades, essas ciências, essas práticas esquecidas, que o homem da atualidade, ao encontrar-se bruscamente diante de uma revelação cuja amplitude o assombrou, não sabe onde mergulhar. Ainda aqui, a atração pelo prazer, pelo agradável o arrebatava; e é essa a razão por que vê aparecer toda aquela floração de mestres, de magos e toda essa plêiade de ciências esquecidas e ignoradas pela ciência oficial.

O que é a verdade? O Dicionário Larousse definiu-a muito bem nessa espécie de prestidigitação. Quando o abrimos na palavra verdade, lemos: “qualidade do que é verdadeiro”. E quando nos reportamos à palavra verdadeiro está escrito “conforme a verdade”. Existe algo de... verdadeiro, nesse reenvio de um para o outro lado. Sim, a verdade, em verdade, não se define e não se pode definir por palavras. A verdade não se aprende, não se lê, não se diz, não se ensina. Lembremo-nos daquela frase do Senhor Buda: “Aquele que interroga engana-se, aquele que responde engana-se. Não digas nada.” É um conselho de valor inestimável, um conselho cuja sabedoria e autenticidade apreciamos, e que não seguimos de modo nenhum. Com efeito, não se desperdiça tanto tempo, tanta energia, tanto dinheiro, para dar conferências atrás de conferências, palestras e mais palestras, discursos, simpósios, de-

bates e, por acréscimo, para publicar todos os livros e todas as revistas. No fundo, todos os que falam e escrevem, sabem bem, com a maior sinceridade, que sabem apenas pouca coisa, e tomam sempre a precaução de dizer que, simplesmente, não é necessário agarrarem-se às suas palavras, que a verdade está muito além de tudo o que possam dizer. Essa é uma verdade muito difícil de ser compreendida pela maioria.

Com efeito, o que quer que se possa dizer, por maior que possa ser quem se expressa, o que diz nunca será a verdade, mas uma expressão pessoal do que ele retirou da luz da verdade. “Tu entrarás na luz, mas nunca tocarás a chama.” Somente uma pequena parcela de luz é que pode ser percebida, ao mesmo tempo, e somente uma parcela ainda mais pequena é que poderá ser transmitida pela palavra.

E, no entanto, algumas pessoas, mesmo aquelas que passam ao nosso lado no dia a dia, seres que, por isso, não estão de modo nenhum colocados num pedestal pela opinião pública, podem revelar-nos algo de maravilhoso e, no seu contato, naturalmente, dão a impressão de algo de verdadeiro. É isso que é maravilhoso. Frente a determinadas pessoas, estamos certos de que a verdade existe, que há alguma coisa de verdadeiro, e o que é ainda mais maravilhoso, é que tais pessoas, com a sua presença, não só nos provam que essa verdade é acessível, mas ainda e sobretudo nos aproximam, nem que seja por um momento, da realidade. Tais seres podem escrever livros ou dar conferências, mas não são tanto os seus argumentos que nos provam a verdade, nem o que dizem, é a sua condição de ser, são eles próprios que nos certificam que é verdadeiro. É aí que reside a característica essencial da verdade. A verdade é inseparável da vida; e é somente pela vida, na vida, que a verdade brilha.

O que é que eles fizeram, perguntamos nós, para serem, assim, a própria expressão da verdade? É essa a pergunta fundamental de qualquer investigador da verdade. Que caminho seguiram?

Posso responder imediatamente: o caminho da verdade. Eles são expressões da verdade, muito simplesmente porque são sempre verdadeiros. Isto é uma verdade muito simples,

totalmente desnudada; talvez demasiado simples para o nosso mental complicado, talvez demasiado nua para nós que damos muita importância às formas. E, não obstante, o primeiro pensamento que nos vem, quando em presença de um ser verdadeiro, é que é verdadeiro. Nada mais. E um impulso quase irresistível brota do mais profundo do nosso ser, abrem-nos, e nós somos efetivamente verdadeiros, sem nenhuma auréola, sem nenhuma tomada de posição, sem nenhum atributo supérfluo. Mas logo que saímos da influência desse ser, reencontramos a nossa complexidade e, com ela, a dificuldade em compreender o que é verdadeiro.

Em nome da nossa personalidade, temos sempre a tendência de nos defendermos, de afirmar os nossos direitos perante os outros, contra os outros, e é essa autodefesa que nos leva a erigirmos um muro de separatividade e a vivermos de aparências que não são a nossa natureza real. Fazemos isso a cada momento da nossa vida. Qual de nós, com efeito, confessa espontaneamente a sua ignorância sobre um ponto ou outro? Mesmo encostado na parede, inventa-se uma resposta evasiva: “esqueci-me” ou “não tenho tempo” ou “já não me lembro”. Ou então refugiamo-nos atrás de um sorriso silencioso que, ao dissimular totalmente a nossa ignorância, dá a ilusão do nosso saber. E fazemos isso a cada instante. Agimos, falamos, pensamos, vivemos no fictício, e com estes modos, essas atitudes falsas, que cobrimos com um véu de falso saber, temos a pretensão de procurar a verdade. Não, não é possível ver a verdade se metermos sempre debaixo dos olhos um par de óculos de uma cor ou de outra. A verdade não pode se revelar àqueles que a procuram por meio da falsidade. Ora, é tudo isso que nós fazemos. É um hábito herdado do passado, adquirido quando tínhamos de lutar para evoluir, quando tínhamos de desenvolver a nossa personalidade. Mas, então, desde que nos voltamos para a verdade, é preciso abandonar todos esses hábitos. “Não existe compromisso”, lê-se em *Aos Pés do Mestre*.

Essa autodefesa é o resultado do medo. E o medo é a consequência da ignorância, da ignorância das leis que governam o Universo e a sua evolução. Para não ter mais essa atitude